REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXV Volume | 20 de Março de 1902 | N.º 836

S. A. O INFANTE D. MANUEL

CHRONICA OCCIDENTAL

Até que emfim!
Parece que d'esta vez é certo!
Alegria no céu, na terra e no Tejo de cristal!
Já não era sem tempo.

As olaias da Avenida, todas floridas, ostentam suas galas sob um céo de intenso azul. Chilreiam os passaros, que é uma alegria ouvil-os. Deixa-se o casacão em casa pela manhã e até parece que tem a gente mais saude.

Mulheres bonitas, que havia muito não sahiam de casa, viu-as a gente por essas ruas, que, ainda mais que o sol, ellas illuminavam.

Adeus, carrancas do inverno! D'esta vez parece-me que é certo podermos-lhe dizer: até para anno!

E já não foi sem tempo a despedida. Fartos de borrascas andavamos nós. Ria o sol um bocadinho, só para nos dar signal de que ainda lá estava, e logo rangia o catavento, que se virava para a barra, como se d'ella estivesse enamorado, a luz escurecia, voltavam as nuvens e era agua se Deus a dava!

Borrascas não faltavam, no céo, na terra e no Tejo sombrio.

Na terra houve-as de todas as ordens. Máo é dar máo exemplo. Foi chegar d'Africa, fresquinha, a noticia da nova derrota dos inglezes, e foi logo uma imitação dos boers por todos os lados, a que não escapou a, vulgarmente grave, camara dos deputados.

Entretanto lá na Africa sempre foi mais serio e se as desordens que por cá houve não tiveram consequencias, o mesmo não pensarão talvez os nossos alliados com respeito á lição que levaram dos seus contrarios.

Entre nós foi um episodio, nada mais, da formidavel lucta em que andam na camara empenhados os partidos. Um momento de maior effervescencia na discussão.

Todos nos queixamos geralmente da paz pôdre em que não apparecem homens que se distingam; e o certo é que se aprendia melhor a esgrima no tempo em que havia maior numero de floretes sem botão. N'uma sala d'armas aprende-se a jogar a espada, como se aprende a nadar em sêcco.

As paixões acirraram-se, regeneradores, franquistas e progressistas abandonaram a vulgar serenidade.

O governo tem pressa de vêr discutido o orçamento, para, segundo se diz, apresentar depois ás camaras o convenio, que parece estar quasi concluido com os credores extrangeiros, nossos mais horriveis fantasmas.

Segundo informadores dignos de credito e até declarações que podem suppôr-se officiaes, não haverá novo emprestimo, nem teremos de nos sujeitar a qualquer fiscalisação mais ou menos disfarçada.

É este agora o mais debatido assumpto nas conversações politicas.

O outro grande acontecimento da semana passada, a questão entre os srs. Marquez do Fayal e Conde de Burday, na assembléa do Banco de Portugal, promette dar-nos algum descanço, por ter sido o caso submettido á decisão dos tribunaes.

Era curioso vêr como toda a gente, em geral sem vintem, discutia acaloradamente, commentando o dialogo dos dois opulentos capitalistas: noventa contos de réis para aqui, seiscentos contos para acolá, e moralmente... e juridicamente... E todos se inflammavam, como se se tratasse d'uma sorte grande, cuja roda estivesse a andar. E é que está.

As férias que estão proximas vão por uns dias pôr ponto em todos estes delirios politico-financeiros em que até os mais avêssos á materia se deixaram arrastar.

Semana santa! Não é tempo de luctas, isso não. O nome o está dizendo.

Lindo tempo costuma ser. Plena primavera. Aguente-se ella e todas quererão gosar das férias.

É uma alegria nas casas onde ha rapazes, é um acordar mais alegre, é um adormecer mais socegado. E sempre ha de haver um dia para a gente sahir da cidade aborrecida, ir vêr esses campos com os trigaes verdes cheios de papoilas e os vallados cobertos de flores, onde trinam os melros. Andam as borboletas pelos ares e zumbem contentes as abelhas no fabrico do seu mel. A' noite cantam os rouxinoes nos salgueiros; de manhã os tentilhões e as toutinegras, que parecem ter aprendido com elles, continuam o concerto.

Que deliciosos perfumes veem dos pinhaes e que alegre, por entre as ramarias, sopra o vento norte!

Em Lisboa já os confeiteiros se enfeitam, illuminam á noite as lojas, dispõem tentadoramente para os gulosos os cestos, as pyramides, os montões das amendoas de todas as côres. Os esculptores fazem milagres de fantasia no alcorce. E os garotitos, ás portas, em frente das vidraças, abrem espantados os olhos e sentem a agua a crescer-lhes na bôcca. Coitaditos! alguem lhes valerá.

Semana santa!... Domingo de Paschoa!... É a primavera que chega. Não tardará que oiçamos os primeiros foguetes alegres a annunciarem as primeiras toiradas; não tardarão a apparecer o primeiro chapéo de palha, a *toilette* fresca da primeira elegante, de carruagem descoberta, caminho do Campo Pequeno!

Primavera! Primavera!

Já começou nos theatros o reboliço. Já se affixaram as tabellas para as escripturas do anno que vem.

Começaram os passeios com o repertorio accumulado durante o inverno.

S. Carlos, que dá o signal definitivo, que por todas essas praias e provincias manda a alta e rica sociedade recolher a Lisboa, está dando as suas ultimas recitas.

Applaudida pelo publico, bem recebida pela critica, a opera de Mancinelli, *Hero e Leandro*, attrahiu maiores sympathias para o maestro, que este anno teve a seu cargo a regencia das principaes obras cantadas no nosso theatro lyrico.

Teem-se n'elle ultimamente realisado alguns concertos de dia, de programmas talvez em demasia variados, mas que teem agradado, o que mais decerto tem servido para educação do publico do que muitas das operas menos que mediocres, que por vezes os cartazes annunciam com maior ou menor pompa.

O theatro Principe Real do Porto e o da Avenida de Lisboa contradançaram agora.

Sousa Bastos com a sua companhia foi alegrar a cidade invicta. Taveira veiu annunciar a *Madame Angot* na cidade de marmore e de granito.

Deve haver no Porto curiosidade de conhecer o *Tição Negro*, que tamanho enthusiasmo produziu em Lisboa, e em que Palmira mais uma vez se nos revelou como distinctissima actriz de opereta. Naturalmente o exito que a peça alcançou entre nós será confirmado pela nova platéa, que tão amavel se mostra sempre para as composições portuguezas.

Taveira está ahi desde segunda feira com a sua magnifica companhia, o Santinhos engraçadissimo, e a Thereza Mattos, a Carmen, a Rentini, das nossas melhores cantoras de operetta.

Em D. Amelia o que houve de mais notavel n'estes ultimos tempos foram os beneficios de Brazão e de Augusto Rosa. Annuncia-se para muito breve o de João Rosa, com seis originaes portuguezes, sendo cinco n'essa noite representados pela primeira vez.

É caso talvez novo na historia do nosso theatro. Conseguiu-o a boa vontade do Visconde de S. Luiz e as muitas sympathias de que o actor João Rosa dispõe.

Pela companhia de Lucinda Simões foi, ha dias, representada a *Blanchette* e, diga-se a verdade, primorosamente. Lucinda, Lucilia, Christiano e Chaby, nos pridcipaes papeis, coadjuvados por alguns artistas da companhia Rosas e Brazão, obtiveram um verdadeiro e merecido triumpho.

Os rapazes da escola e do lyceu tambem lá tiveram as suas festas, muito alegres, como tudo em que os rapazes se mettem com alma. Ovações enthusiasticas, gargalhadas colossaes acolhendo as comedias. Um abraço com muitos parabens ao nosso collega José Urbano de Castro.

E, d'aqui a poucos mezes, grande parte dos artistas portuguezes partem para o Brazil, a colher palmas e dinheiro. Ficam em Lisboa as companhias de verão. Com que sorte vêl-o-hemos. Seja a que lhe desejamos.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. A. REAL O INFANTE D. MANUEL

Conta já doze annos de edade, completados em 15 de novembro ultimo, sua alteza o infante D. Manuel, cujo retrato publicamos.

Como seu irmão, o principe real, tem o joven infante recebido esmerada educação, chistãmente orientada.

Sem religião não ha instrucção que fructifique. E' forçoso educar e instruir tanto o coração como o espirito. A fé tem sido apanagio dos principes de Portugal, constituindo o segredo da victoria alcançada nas batalhas em que os reis pelejavam á frente dos seus vasallos. Incutir, pois, a fé no espirito juvenil, preparal-o para a vida com esse vigor tão salutar, é uma sabia tarefa, que, sem excessos de fanatismo, deve produzir opimos fructos.

Não teem Suas Magestades descurado a educação do infante D. Manuel, e assim vae-lhe o coração desabrochando aos effluvios da luz purissima da religião, amoravelmente ensinada. Já em fevereiro passado se effectuou a commovente ceremonia da primeira communhão de sua alteza, e esse facto, gratissimo a todos os verdadeiros catholicos, deve olhar-se como eminentemente patriotico pelo caracter tradicional que o reveste, acordando a idéa das glorias que a fé christã deu sempre ao nome portuguez.

Tem sua alteza um dos nomes que mais grandezas lembram na nossa historia. Permitta Deus que tambem no futuro seja *afortunada* a sua vida agora em tão formosos inicios.

OS NOVOS CONSELHEIROS DE ESTADO

Conselheiros Luiz de Bivar e Antonio Candido

O fallecimento em curto periodo dos dois conselheiros de estado almirante Baptista de Andrade e Frederico Arouca occasionou duas vagas nesse alto corpo politico do paiz, para as quaes foram nomeados os srs. Luiz de Bivar, presidente da camara dos dignos pares, e Antonio Candido, procurador geral da corôa.

Tendo sido indicados desde cedo varios nomes de politicos mais em evidencia para o preenchimento das duas vagas, foi quasi com surpreza que em geral se soube da escolha definitivamente feita. Mas ao inesperado da noticia tão opposta aos boatos que corriam corresponderam os maiores applausos por terem recahido as nomeações em cavalheiros tão dignos d'essa distincção.

O sr. conselheiro Luiz Frederico de Bivar Gomes da Costa representa a encarnação viva e illustre do partido regenerador, agora devidamente consagrada. O sr. conselheiro Antonio Candido Ribeiro da Costa é uma gloria do partido progressista e tem recebido de todas as facções um justissimo apreço, como o prova não só esta nomeação como o ter já feito parte de um ministerio extra-partidario.

Pela respeitabilidade das suas funcções de presidente da camara alta e de juiz do supremo tribunal de justiça, pelo seu timbre de inalteravel lealdade politica, o sr. conselheiro Luiz de Bivar é uma das individualidades mais sympathicas e venerandas da sociedade portugueza.

Não é menos sympathica a physionomia pessoal e politica do sr. conselheiro Antonio Candido, um orador de raça, verdadeiramente academico, que constitue hoje a figura mais luminosa da eloquencia portugueza, em que brilham todas as galas e pompas que a arte lhe sabe conceder.

Por taes circumstancias registamos com intima satisfação as nomeações dos dois conselheiros de estado, certos de que continuarão bem servindo o paiz, honrando-se ainda mais.

AS CHEIAS EM SANTAREM

Como de costume em invernos rigorosos, houve este anno grandes inundações no nosso paiz. O mez de fevereiro foi quasi todo chuvoso, pelo que os principaes rios, sahindo fóra do leito, produziram estragos importantissimos.

Em Coimbra o Mondego inundou grande parte da cidade baixa. Em Leiria a inundação arrastou uma casa em que pereceram os locatarios; na Ribeira de Santarem a cheia attingiu a maior altura das que se teem registado e causou grandes prejuizos nas sementeiras.

O importante espectaculo da cheia do Tejo attrahiu a Santarem a visita de muitas pessoas. Sua Magestade a Rainha sr.ª D. Amelia, ao ter noticia da inundação, foi immediatamente áquella cidade, em um automovel guiado pelo sr. infante D. Affonso, e, no terraço das Portas do Sol, se deteve cerca de meia hora, comtemplando o soberbo panorama.

Era com effeito imponente a vista que se desfructava d'aquelle elevado ponto da cidade, alcançando uma extensão immensa toda sepultada no vasto lençol das aguas.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

POR OCCASIÃO DO JUBILEU DE LEÃO 13

O PAPA

«Seis horas da manhan. Duas ou tres pancadas na porta do meu quarto acordam-me em sobresalto.

— Quem está ahi?

— Vaticano!

Era um emissario portador de convite para ir ao Vaticano n'essa manhã mesmo. A's sete horas e meia Leão XIII officiava na capella Paulina.

O enviado desculpa-se de vir tão cedo, mas já na vespera, á noite, nos procurára em nossa ausencia, e recebera ordem de entregar o convite em mão. Recommenda-nos o fato preto e retira-se.

•

...Eis-nos na capella Paulina. Cerca de duzentas pessoas aguardam a entrada do Santo Padre; grande numero de sacerdotes, alguns homens de casaca, e as senhoras vestidas de preto e de mantilha. A' passagem do meio da capella, desde a porta até o altar acha-se desembaraçada, vendo-se aqui e ali alabardeiros e archeiros com uniformes extraordinarios, amarellos, verdes, escarlates, carmesins.

De repente, produz-se um movimento á porta, os officiaes da guarda do papa, de capacete reluzente e espada desembainhada entram, postando-se aos lados. A piedade, a fé e a curiosidade abalam os assistentes. Todas as cabeças se voltam para a entrada... Elle apparece, seguido de cardeaes e de bispos. E Elle, o Sacerdote vestido de branco... Detêm-se um instante no limiar, e todos os olhares e corações não distinguem, sem embargo do ouro e da purpura que a envolvem, senão essa fórma branca, esbelta, um pouco inclinada primeiro e que immediatamente se apruma.., A mão levanta-se ao mesmo tempo, — paternal; e, leve, transparente, parece fluctuar no ar, onde esboça um gesto de benção. E' bellissimo... e é encantador.

— Avança, olhando com doçura para a direita, para a esquerda, conservando sempre a mão levantada, abençoando, girando como a mão de um semeador. Está ali, a dois passos de nós; seu rosto emmagrecido, fino e doce, de homem muitissimo idoso, é illuminado por uma bondade que pensa. O espirito que brilha na pupilla, mostra-se tambem em toda a linha nervosa do corpo e no andar prompto, semelhando vôo, do velho branco. Este velho branco, suavemente branco desde a cabeça até os pés, caminha á beira do tumulo com a graça sorridente de rei dos crentes, abençoando — com sua mão que amortece — a vida universal.

Os frescos da capella Paulina são obra da velhice de Miguel Angelo. Eis aqui S. Paulo vencido sobre a estrada de Damasco, por uma luz que, irradiando de Deus, dilata-se descendo para a terra...

Agora o Papa officia. Alevanta a hostia sagrada, branca no centro de uma custodia de oiro. Os officiaes fazem a continencia com as espadas. Os cardeaes esmagam sobre o pavimento o orgulho da purpura.

O Papa ora em voz alta. Nunca esquecerei esta voz.

Monotonia alguma de inflexão, nada de quanto se haja ouvido, é capaz de destruir a idéa que se faz de um soberano pontifice fallando em nome de sua filha, a humanidade. O Pae está verdadeiramente aqui orando pelos filhos. Carregado de annos e carregado de dôres, de dôres do mundo. A sua voz, simplesmente e verdadeiramente humana, sae d'um coração profundo. E' um suspiro e um soluço, pessoalissimos, ao mesmo tempo cançados, agonisantes e indomaveis, que teem por vezes grandes sobresaltos e que se reconheceriam entre todos os soluços e todos os suspiros da terra. O que se ouve, são os gritos de uma dôr de homem, de um homem cujo coração se dilata até ser paternal para o mundo inteiro. Alma branca, sacerdote branquissimo, velhice branca, candura da fé, eis quem fala e quem ora. Oh! a triste humanidade, e quanto cada ancia de dôr se converte em impulso de oração! E' impossivel ter ouvido esta palavra gemida, este soluço, este grito, este appello, esta supplica, — e esquecer. Experimenta se então a piedade por o que ora; acredita-se adivinhar que n'este momento elle soffre principalmente pela impotencia de sua propria piedade para espalhar o bem entre os homens! — «Sem vós, ó meu Deus, a minha realeza demasiado humana, a ninguem servirá! o meu appello, como o meu silencio, ficará inutil! *Domine, exaudi nos! Miserere! miserere!*»

A missa do Papa concluiu. Orou por todos. Chegou a vez de orar por elle. A seu turno, ouve a missa.

E eil-o agora no meio do côro, em seu throno de seda e de oiro.

Apenas descança um momento. Deixa-o logo e ajoelha. Ajoelhado, curva-se, prostra a sua velhice e a sua grandeza aos pés da cruz. E eis que assim prostrado, — os braços abatidos sobre o genuflexorio, a face enterrada entre a alvura das mangas — gela-se em absoluta immobilidade. A marmorea e esbelta figura vae assim permanecer, indefinidamente immobil. Orou pelo grito e pelo soluço, ha pouco. Ao presente, ora pela immobilidade e pelo silencio, mais perto da Eternidade.

Dir-se-hia um d'estes pontifices de marmore de joelhos sobre seu proprio tumulo, nas pregas rapidas do carrara diaphano. Nós levantamo-nos; elle fica immobil. Os assistentes executam todos os movimentos que indica a campainha de prata de som ligeiro, verdadeira filigrana de sons crystallinos; elle continua immobil. Está, com effeito, morto para o mundo .. Para onde se dirige esta alma, para onde sóbe, para onde desce, n'este momento inteiramente solemne?... A hostia ergue-se, irradiante. Irá elle curvar-se ainda mais? Não. Fica immobil. Descobrir-se-ha diante do mimbo de Deus? Não; já passou a hora em que meio livre das adorações da alma, póde fazer um gesto physico de adoração; fica immobil em face da gloria de seu Deus... Então, um sacerdote adianta-se, estende a mão por cima da cabeça do Pontifice — e descobre-a

O Papa está immobil.

Está só na presença de Deus a quem elle repete em silencio o grito universal do mundo, o universal *Misere:*

— «Tende piedade, Senhor! — Senhor, piedade para todos, sem distincção de raças, de «crenças, de philosophias, de religiões! Piedade «para quem soffre; piedade para a innocencia e «piedade tambem para o crime; para o endure«cimento como para o remorso! Piedade para «todos, justiça e piedade, ó Deus que fôste um «accusado perante os juizes, um captivo diante «dos ladrões, um flagellado, manchado pelo es«carro dos immundos; ó Deus, que fôste o suppli«ciado de um supplicio inflamante, justiça e pie«dade para todos, ó Deus que quizeste ser um «homem, a fim de crear entre os homens a jus«tiça e a piedade, a piedade e a justiça!»

Jean Aicard.

FOLHEANDO A HISTORIA

Lapso de densas trevas, de ignorancia crassa, de medonhas caligens sociaes, — tal é a Edade-media, segundo um injusto exclusivismo de interpretação; periodo notabilissimo da historia da humanidade, dez seculos de uma vitalidade vigorosa, d'uma transformação, extremamente, salutar — tal é a Edade-media, á luz d'um são criterio, d'um julgamento sensato e recto.

De facto, a epoca medieval assistiu á expansão de talentos respeitabilissimos, como: Alberto Magno, erudição vasta e profunda; S. Thomaz d'Aquino, o anjo das escolas, a aguia da theologia; S. Anselmo, o grande propugnador da alliança da razão com a fé; Roscelin, o illustre conego de Compiègne; Abeillard, o sabio lente da Universidade de Paris, o sympathico adorador de Heloisa; Pedro Lombardo, o mestre das sentenças; Avicenna e Averrhoes, illustres ornamentos das escolas arabes de Cordova e Bagdad; Roger Bacon, cujos trabalhos tanto enriqueceram a physica e a chimica; Pedro Hispano, eminente philosopho portuguez, que mereceu as honras do pontificado; Thomaz Kempis, a quem se attribue o celebre monumento de philosophia mystica a *Imitação de Christo;* Dante, Petrarcha e Boccacio, os tres robustissimos alicerces da litteratura italiana.

Foi no seculo XIII que se inventou o telescopio, o precioso instrumento com que, mais tarde, se immortalisaram, em admiraveis indagações astronomicas, Gallileo, Kepler, Arago e Secchi.

A Edade-media presenciou os explendores da arte ogival, a sentimentalidade dos hymnos sagrados, o brilhantismo de preciosas telas, o fausto e a grandeza da côrte dos califas, a organisação do poder feudal, o enthusiasmo das cruzadas, a efflorescencia das cyclos carolino e armorico, o raiar, emfim, da poesia popular.

Que mais será preciso para considerar a Edade-media como periodo fecundo em grandes acontecimentos, transicção brilhante do mundo antigo para o moderno?

Como todos os tempos, a Edade-media tem a sua nota caracteristica, a sua feição especial. O feudalismo avulta como instituição social privativa e dá origem ás celebres perigrinações á terra santa com o fim de a libertarem do poder dos infieis, a essas *cruzadas* em que todas as classes sociaes se congregam e confundem, representando uma manifestação virilissima do sentimento christão, que, no seu aspirar ao dominio universal, procura impôr-se, com a base da verdade e o escudo do poder, ás turbas de Mahomet, coagindo as á conversão, ou aniquilando-as pela força.

O fanatismo musulmano, porêm, é irreductivel; a lucta trava se medonha, feroz, os esforços dos emissarios da Cruz não vingam e os crentes do Alkorão continuam sectarios da mesma doutrina, membros da mesma unidade politica e possuidores dos mesmos logares, que, outr'ora, serviram de theatro á grande tragedia do Golgotha.

Os feitos dos cruzados, ainda que coroados do mais desconsolador insuccesso, são, n'aquelles tempos de tendencia mystica e guerreira, exemplos de uma fé viva que exalta, d'uma valentia militar que enthusiasma, e o heroe cavalleiro que, n'essas longiquas expedições, se assignala, é um ser privilegiado a quem se conferem todas as distincções, um verdadeiro semi-deus, que, em todos os corações, tem um altar, em todos os olhares uma adoração.

A cavallaria, na Edade-media, não era uma simples instituição militar, reveste o caracter religioso, constitue uma verdadeira confraria de tal forma respeitavel, que o grau de cavalleiro era uma graça especialissima, quasi sacramental.

A iniciação, na ordem de cavallaria, começava na infancia; o aspirante ia formando seu espirito, desde a edade de sete annos, n'um longo noviciado em que adquiria, gradualmente, a comprehensão dos seus deveres e exercitava, a rigôr, as tendencias ou disposições para a honrosa missão a que se propunha.

Na qualidade de *pagem* ou *donzel*, entrava no serviço de um *barão* ou cavalleiro illustre, a quem deveria acompanhar e tomar, sempre, por modelo.

As damas ensinavam-lhe o catecismo e uma d'ellas constituia-se sua especial mentora, aproveitando-se d'essa qualidade para cultivar, a pouco e pouco, as faculdades affectivas do futuro cavalleiro, cimentando-lhe, pelo sexo fragil, um mixto de amor e respeito que, mais tarde, o levaria a quebrar lanças pela causa feminina.

Aos quatorze annos, era elevado a *escudeiro* e, então, cuidava das armas e cavallos do seu senhor e iniciava se nas luctas, acompanhando-o n'esses perigosos lances, ministrando-lhe todo o auxilio e dando, por seu amo, a vida, se tanto fôsse preciso.

Comportamento exemplar e cumprimento pleno de todas as suas attribuições, elevavam-no á categoria de *homem d'armas*, até que, aos vinte annos, era armado cavalleiro.

Chegava, portanto, ao limite do seu tirocinio, ia, finalmente, enfileirar-se na nobre legião d'aquelles, que, em nome da fé, da justiça, do amor e da honra, percorriam o mundo, immortalisando-se em rasgos da mais generosa bravura e da mais captivante gentileza.

O acto da investidura realisava-se com toda a a solemnidade. Um conjuncto de ceremonias, executadas com o maximo respeito, dão bem a conhecer o altissimo conceito em que era tido o cavalleiro medieval.

O candidato a cavalleiro, depois de purificado por rigorosos jejuns e penitencias, feita a confissão geral das suas faltas e recebido o sacramento eucharistico, acompanhado por seus padrinhos, dirigia-se para o templo em que devia ser armado, levando pendente, sobre o peito, a espada, recebia a benção do sacerdote e ajoelhava aos pés do senhor que o devia armar cavalleiro.

N'essa humilde attitude, depois de pronunciar seus votos, entregavam-lhe, successivamente, as esporas, a cota de malha, a couraça, os braceletes, as manoplas e, por ultimo, cingiam-lhe a espada. Em seguida, recebia do ministrante tres toques de espada no hombro ou uma palmada na face com as palavras: *Em nome de Deus, de S. Miguel e de S. Jorge, faço te cavalleiro. Sê piedoso, valente e leal.*

Com manifestos signaes de orgulho jubiloso, erguia-se o recem-agraciado, dirigia-se ao altar, beijava a cruz ou uma reliquia que, como penhor de paz, lhe offereciam e, depois de render graças ao Altissimo pela dignidade que recebera, felicitado e cortejado pelos assistentes, encaminhava-se para o exterior do templo, onde, tomando o elmo, o escudo e a lança, montava o seu cavallo de batalha e executava umas sortes de equitação, brandia a lança e manejava a espada, para, assim, dar a conhecer aos numerosos espectadores o seu garbo e pericia.

Estava consumada a grande ceremonia da investidura, restava, comtudo, que actos condignos viessem glorificar o novel cavalleiro e conferir-lhe as esporas de ouro.

A sociedade dispensava-lhe todas as honras e concedia-lhe as melhores prerogativas, mas, em troca, exigia-lhe virtudes austeras, heroismos até ao sacrificio.

A sua espada sagrada, como o logar em que a recebêra, deveria desembainhar-se, sempre, em prol dos mais sagrados interesses, dos mais nobres direitos.

Luctar pelo throno e pelo altar; defender o fraco contra o forte, o opprimido contra o oppressor; proteger a orfandade e a viuvez e pugnar pelas damas, justificando-as no seu pundonor e delicadeza, tal era o ideal do puro e genuino cavalleiro.

E ai d'elle se prevaricasse, se desmerecesse os pergaminhos da sua nobre profissão. O castigo era tremendo; julgado como o mais vil dos infames, cabia-lhe a pena ultima e depois de exautorado das insignias que envilecêra, quebradas as armas, arrastado o escudo pela lama, ouvindo os anathemas da Egreja e soffrendo as affrontas da populaça, executavam-no, em publico cadafalso, e davam-lhe sepultura desprezivel.

Assim terminava os seus dias aquelle que, escravo do dever, teria o fim dos heroes e as benção dos vindouros.

Em tempo de paz, os cavalleiros não se entregavam aos enervantes prazeres da ociosidade, exercitavam-se nas celebres justas e torneios, combates simulados, tão frequentes n'essas epocas de indole batalhadora.

N'esses espectaculosos certamens, apresentavam-se os combatentes, a primôr, de ponto em branco. Seguidos dos seus escudeiros, entravam, triumphalmente, na liça, sendo algumas vezes, por singular distincção, conduzidos pelas damas a que se votavam, e, n'esse caso, graciosamente, enleiados em douradas cadeias, que as delicadas mãos femininas lhes tiravam ao começar a lucta.

O momento, então, era solemne; iam chocar-se as armaduras, cruzar-se os ferros; no prelio, ainda que simulado, tinto, não poucas vezes, com o sangue dos contendores, ganhavam-se os applausos, firmavam-se os creditos, alcançava-se o premio de vencedor na mais ruidosa das acclamações. Conferiam-no as donas e donzellas, em honra das quaes se pelejava a ultima justa, — a *lança das damas*.

O heroe da festa era conduzido ao castello pelas suas admiradoras que o distinguiam com todas as attenções; offereciam-lhe, em ricas bacias de ouro ou prata, com toalhas de finissimo linho, agua para as abluções; substituiam-lhe as vestes de guerra por roupas de custoso tecido, e, em banquete opiparo, serviam-no das mais bellas iguarias; era, emfim, um idolo o feliz cavalleiro que, em pugna renhida, lograva a victoria.

Semelhantes aos jogos athleticos na Grecia e aos combates dos gladiadores em Roma, as justas, e torneios da Edade-media eram, comtudo, não só exhibições de força e de dextreza, espectaculos viris e galantes, preenchendo os ocios de uma sociedade cavalheirosa, que, a todo o momento, sonhava em lances de bravura e assumptos de brio, mas tambem serios pleitos em que se dirimem questões que, embora pueris, tomavam feição grave, pela demasiada importancia que se lhes attribuia.

Haja em vista a famosa façanha dos doze de Inglaterra, que constitue um dos mais interessantes episodios dos *Lusiadas*.

«Entre as damas gentis da corte ingleza
E nobres cortezãos acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa;
Ou foi opinião ou foi porfia:
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa,
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas

(Lus. Canto vi. est xliv.)

«E que se houver alguem com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso ou estacada
Lhe darão feia infamia ou morte crua.

(Lus. Canto vi. Est. xlv.)

O repto toca as raias da insolencia e a elle não se atrevem a responder os parentes e admiradores d'essas damas, que pesarosas, por não terem quem, por dever, as desagravasse, se dirigem ao duque de Lencastre, sogro do nosso D. João I, pedindo lhe vingança. Por conselho e influencia do nobre fidalgo, escrevem a doze bravos portuguezes, fazendo-os conhecedores do vexame de que, tão grosseira e cobardemente, foram victimas.

Appellam para o cavalheirismo de homens resolutos e destemidos, em cujos corações se gravam as noções da honra e do brio. A offensa é grave, séria deve ser a reparação. O animo lusitano não soffre delongas e lá partem para Inglaterra esses denodados campeões que, em lucta cruenta com outros tantos adversarios, auctores do ultraje, illustram a sua patria, coroando-se com os louros da victoria.

Entre elles salienta-se Alvaro Gonçalves Coutinho, o celebre *Magriço*, que, por ter chegado mais tarde ao logar do combate, tanto entristeceu e sobresaltou a sua dama.

«Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro n'esta empreza:

(Lus. Canto vi. Est. lvi.)

Nada perdeu, porém, a *boa causa* com a demora do sympathico paladino, que, em lances de desusada valentia, tanto ennobreceu o seu escudo.

Tout passe, tout casse, tout lasse, é aphorismo de velha philosophia, a todos os momentos, confirmado pela experiencia.

Os tempos vôam na sua carreira vertiginosa e com elles os costumes, as tendencias.

A humanidade nem sempre é impulsionada pela mesma ordem de ideias, e o que, hoje, se acceita com enthusiasmo, amanhã, rejeita-se com desprezo.

A evolução é uma lei fatal a que é forçoso obedecer, e insensato aquelle que, a isso, se oppõe, que subvertido será pela onda do progresso.

CONSELHEIRO DR. ANTONIO CANDIDO — CONSELHEIRO LUIZ BIVAR GOMES DA COSTA

OS NOVOS CONSELHEIROS DE ESTADO

As cheias em Santarem

NAS PORTAS DO SOL — S. M. A RAINHA VENDO AS INNUNDAÇÕES

A Edade-Média ia, emfim, desapparecer com as suas instituições.

A cavallaria, a famigerada caval'aria, tendo enebriado os espiritos, fez sentir, como era natural, a sua influencia na litteratura.

Os romances e poesias d'aventuras cavalleirosas abundam, fazem as delicias d'avidos leitores e são o genero, de preferencia, cultivado.

Todavia a sociedade saturada, por sua vez, com o ambiente bellicioso em que, tanto tempo, havia já que vivera, começa olhando os idolos cavalleiros com mais frieza, a desenhar-lhes a feição do exaggero e a julga-los, afinal, uns allucinados que, de lança em riste, sonham com o inimigo, buscando-o por toda a parte.

A breve trecho, pois, a reacção accentua-se, por completo; a cavallaria que gozava os fóros de collectividade magna, confraria hieratico-militar, cujos membros eram uma especie de predestinados, converte-se n'uma aggremiação de comicos espadachins, que, na ancia da celebridade, se precipitam no descredito e no ridiculo.

Para esta decadencia e desrespeito muito, directamente, contribuiu a queda do feudalismo, onde se recrutavam os melhores cavalleiros, a descoberta da polvora e como consequencia a das armas de fogo que vieram inutilisar os antigos luctadores de elmo e couraça e, sobre tudo, a monumental critica de Cervantes, a mais espirituosa concepção do genio hesparhol.

O grande romancista de Alcalá ridiculisa, com immensa graça, os defeitos da cavallaria no typo impagavel de D. Quichote, o pobre homem que, á custa de ler livros de cavallaria, enlouqueceu.

A sua mania é a de reproduzir as proezas dos antigos cavalleiros e, para esse fim, veste a ferrugenta armadura, monta o anemico rocinante, toma a rustica Dulcinea por sua dama e o boçal Sancho Pança por escudeiro, e lança se em aventuras tão estravagantes e encontra-se em situações de tal modo grotescas que chega a provocar o riso

A chistosa critica agrada sobremaneira, vulgarisa-se rapidamente e, com o maior successo, consegue dar o golpe de misericordia n'essa instituição secular e na respectiva florescencia litteraria da qual, são celebrados ornamentos, as duas portuguezas novellas, *Amadis de Gaula* e *Palmeirim de Inglaterra*.

Damasceno Nunes.

O FRASCO DE PRATA

POR

Eugène Berthoud

(Continuado do numero antecedente)

— Ha de ser o sr.!

— Quero dizer que o sr. só ha de morrer depois de mim!

— Conta não me deixar enforcar?

— Conto.

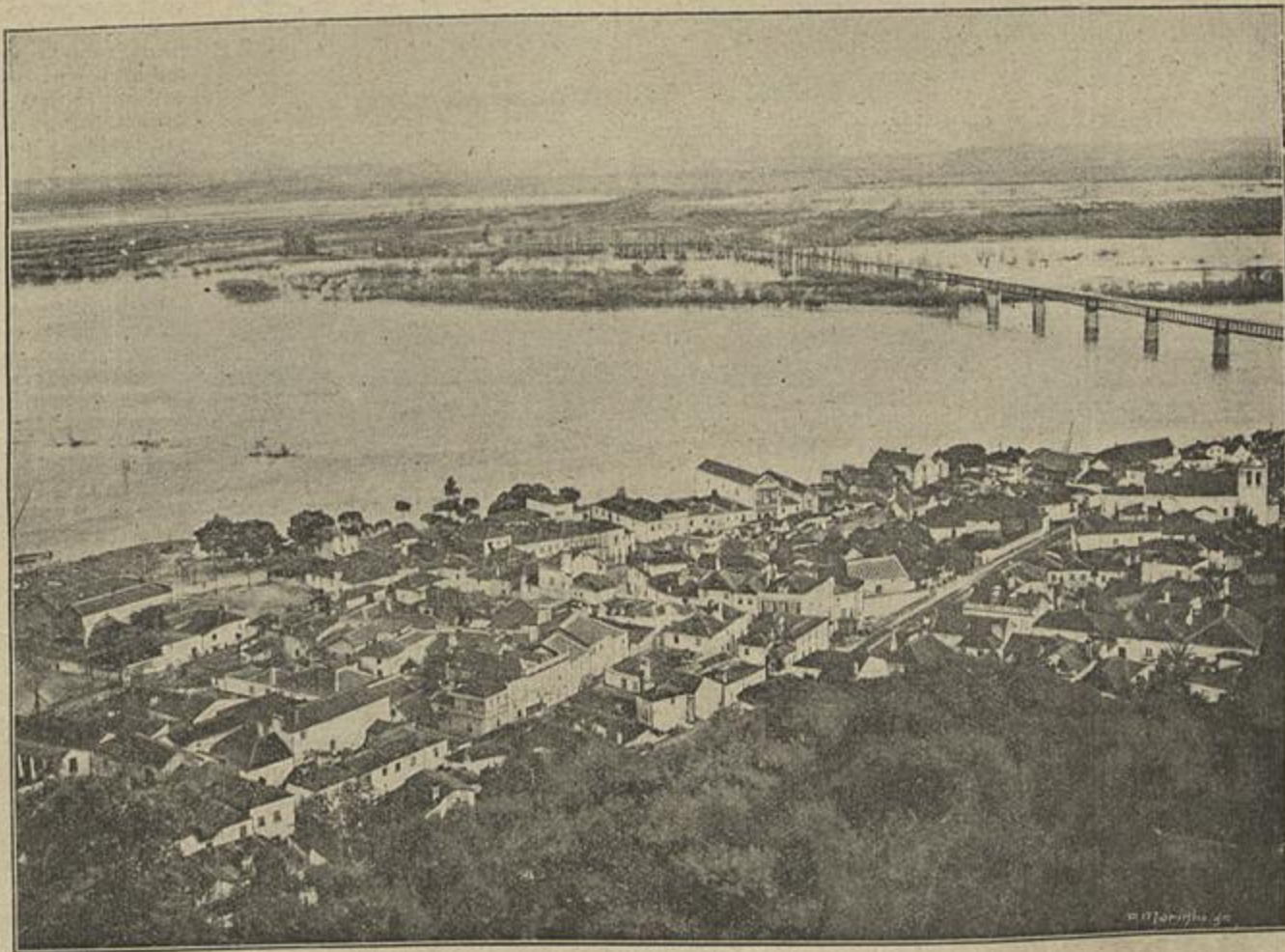
— Pois vamos a vêr!

— Vamos a vêr!

O inglez poz-se a rir, tornou a metter o pescoço na corda e, um instante depois, o corpo baloiçava nos ares

Mas já Octavio apanhára a faca que brilhava no chão. Atirou-se d'um pulo á arvore, cortou o cordão da campainha, e o enforcado cahiu sobre os calcanhares, roxo, furioso, meio afogado.

Tossiu, escarrou, alargou o nó e caminhou para o Conde.

— Sr! disse, cheio d'ira. O sr. é um patife!

A CHEIA NO TEJO ENTRE SANTAREM E ALMEIRIM

— Ora ahi está! exclama Octavio. Um duelo! Confesse que não pensára em tal!

— Um insolente! continuou o inglez, que nada ouvira.

— Basta! disse o Conde de Soubran. Espero que saberá tomar a responsabilidade d'essas duas grosserias!

— Diabos me levem! É para já! vociferou o outro.

E pegando n'umas pistolas que trouxera, estendeu uma d'ellas a Octavio e armou a outra.

— Muito bem! disse Octavio. Mas simplifiquemos as coisas. Cano encostado ao peito.

— Seja!

— Assim, murmurou o Conde, cujo rosto serenou, não ha meio de escapar. E agora, sr., esqueçamos esta discussão, visto que vamos morrer. Aqui tem a minha mão.

O inglez, n'este momento supremo, recuperou todo o sangue frio.

— Tem razão, disse. A morte faz-nos como irmãos.

E estendeu a mão ao Conde de Soubran, que lh'a apertou cordealmente.

— Vou contar até tres, disse Octavio. Quando eu disser tres, atiramos ambos ao mesmo tempo.

Lord Weymouth disse que sim com a cabeça e cada um apoiou o cano da pistola sobre o coração do adversario.

— Um! disse Octavio, sorrindo.

— Pois srs.! disse o inglez, o sr. parece-me uma excellente pessoa e sinto não o ter conhecido ha mais tempo.

— Dois! disse o Conde.

Os dois homens trocaram um olhar de sympathia. Uma multidão de recordações, um oceano de pensamentos rolaram como um relampago n'aquellas duas almas promptas para abrir as azas.

— Tres!

Os dois ao mesmo tempo puxaram pelos gatilhos.

IV

A PROPOSITO D'UM RETRATO

Os cães cahiram com um ruido sêcco, os fulminantes estoiraram, mas nenhuma detonação se ouviu.

— Que brincadeira de máo gosto é esta? perguntou Octavio olhando severamente para o adversario.

O inglez parecia afflicto.

— Dou lhe a minha palavra que até fui eu quem hoje de manhã carregou estas pistolas... Alguem entraria no meu quarto, quando eu estava fóra, provavelmente algum criado...

Octavio com muito máo humor deitou fóra a pistola.

Raras vezes uma experiencia abortada deixa de curar a mania do suicidio. Além de ver-se n'uma posição ridicula, embora o Conde não quizesse confessal-o, a vontade começava a enfraquecer-se-lhe; nas duas tentativas de morte exgotára uma grande parte da energia; só restava de pé o orgulho.

Depois incidentes exteriores e simplesmente physicos influenciavam-o sem elle o saber. Era noite, soprava um ventosinho vivo e picante, digamos tudo, roia-lhe o estomago uma fome valente... Ter corrido alegremente, de sorriso nos labios, com a tenção feita de dar cabo da vida, e duas horas depois, sentir-se uma pessoa, não sómente vivo, mas cheio de secreto apetite de filetes de gamo e d'um faisão com tuberas, que tremenda queda!

Pode ser que o inglez pensasse de modo identico, porque estava com uma cara de palmo.

Houve um instante de silencio, durante o qual os dois olharam um para o outro meio furiosos, meio atrapalhados.

Emfim venceu a situação comica e Octavio deu uma gargalhada seguida pelo inglez com um riso menos franco.

— Decididamente, disse o Conde, a Providencia por hoje oppõe-se aos nossos projectos. Resignemo-nos e esperemos; mas emquanto espero, que diabo hei-de eu fazer?

— Tenho uma idéa, disse o inglez.

— Vejamos

— Continua decidido a matar-se?

— Mais que nunca disse Octavio depois d'uma ligeira hesitação. Tanto mais, continuou, que me vejo a isso obrigado.

— Tambem eu. Mas umas horas a mais ou a menos pouco importam para o caso.

— Muito pouco.

O inglez calçava as luvas com o maior cuidado.

— Sr. Conde, disse elle cumprimentando Octavio, quer dar-me a honra de jantar comigo? Matamo nos á sobremensa.

Octavio não poude deixar de olhar cheio de espanto para um homem que, conhecendo-o havia apenas uma hora, o tratava como a um amigo de dez annos. Verdade é que as circumstancias excepcionaes em que se tinham encontrado os collocavam fóra de todos os preconceitos adoptados e das conveniencias sociaes; depois o rosto de Lord Weymonth, embora triste e frio, respirava franqueza e lealdade irresistiveis. Octavio respondeu apertando lhe a mão:

— Acceito, Mylord, e com o maior gosto. Muito preciosa me é esta occasião para cultivar o seu conhecimento para que assim a deixe escapar.

De braço dado sahiram da clareira os dois homens, caminhando em silencio e ouvindo o murmurio de seus pensamentos. Octavio scismava na extravagancia da aventura, que, aliás não deixava de agradar ao seu espirito todo impulso e sempre avido de impressões novas; o inglez parecia abismado em dolorosas cogitações.

Chegaram a Neuilly e pararam em frente d'uma casa pequena mas muito elegante, separada da rua por uma grade doirada.

Lord Weymouth puxou pela campainha e um criado de libré veiu abrir. Atravessando o pateo, Octavio reparou que muitas das janellas do primeiro andar estavam illuminadas e davam passagem a uma voz magnifica de mulher, que cantava acompanhando-se ao piano.

Ouvindo aquella voz, o inglez parou de repente e o seu rosto assumiu uma singular expressão de ternura e de soffrimento. Depois passou a mão pela testa, suspirou, e, com um gesto convidou o hospede a seguil-o. Subiram uns degráos e Lord Weymouth, depois de ter feito atravessar ao Conde uns quartos do rez-do-chão, introduziu-o n'uma saleta onde chammejava um lume alegre. Emquanto o criado, que os precedera alumiando-os, accendia os candelabros, o amo disse-lhe:

— John! Entrou esta manhã no meu escriptorio?

— Não, mylord.

— Não mexeu nas minhas pistolas?

— Não, mylord.

— É exquisito, disse o inglez pensativo. Ponha dois talheres, John. Jantamos aqui.

O criado inclinou-se:

— Sua Senhoria disse que a prevenisse assim que mylord tivesse chegado.

Lord Weymouth empallideceu visivelmente.

— Diga a milady, disse com esforço, que não terei o gosto de a vêr esta noite e que me desculpe. Tenho uns negocios a tratar.

O criado retirou-se.

— Queira perdoar-me, caro hospede, disse o inglez, se o deixo por um instante. Tenho umas ordens a dar...

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

A meteorologia em Lisboa

Dias em que o thermometro accusou temperaturas superiores a 30°

1880-1901

(Continuado do n.º 832)

1894

14 Junho	Max.: 30°,4	25 Junho	Max.: 31°,0	5 Julho	Max.: 30°,3	6 Julho	Max.: 33°,6
7 Julho	» 31°,6	5 Agosto	» 31°,3	11 Agosto	» 31°,3	12 Agosto	» 32°,8
13 Agosto	» 35°,5	14 »	» 35°,9	20 »	» 33°,1	21 »	» 32°,4

1895

22 Junho	Max.: 33°,2	23 Junho	Max.: 33°,9	24 Junho	Max.: 35°,0	25 Junho	Max.: 34°,0
7 Julho	» 32°,0	8 Julho	» 31°,5	9 Julho	» 35°,4	13 Agosto	» 31°,1
14 Agosto	» 32°,5	15 Agosto	» 30°,3	19 Agosto	» 30°,7	26 »	» 32°,1
27 »	» 31°,1	28 »	» 32°,4	29 »	» 32°,7	31 »	» 31°,5
1 Setembro	» 30°,1						

1896

29 Junho	Max.: 31°,7	30 Junho	Max.: 33°,3	1 Julho	Max.: 31°,8	3 Julho	Max.: 32°,3
4 Julho	» 35°,6	5 Julho	» 34°,1	12 »	» 31°,3	13 »	» 33°,0
12 Agosto	» 30°,0	13 Agosto	» 33°,8	14 Agosto	» 30°,0	17 Agosto	» 31°,1
22 »	» 30°,3	23 »	» 32°,7	24 »	» 34°,2	25 »	» 31°,9
16 Setembro	» 30°,2						

1897

10 Junho	Max.: 32°,2	11 Junho	Max.: 33°,6	12 Junho	Max.: 31°,9	13 Junho	Max.: 34°,1
18 »	» 31°,3	19 »	» 34°,2	20 »	» 37°,4	21 »	» 37°,5
3 Julho	» 30°,3	4 Julho	» 31°,8	5 Julho	» 31°,6	6 Julho	» 32°,4
22 »	» 31°,5	23 »	» 32°,8	28 »	» 36°,4	29 »	» 34°,4
30 »	» 34°,4	20 Agosto	» 31°,1	6 Setembro	» 31°,4	7 Setembro	» 30°,6

1898

18 Junho	Max.: 30°,2	19 Junho	Max.: 30°,4	20 Junho	Max.: 32°,9	1 Julho	Max.: 32°,5
2 Julho	» 33°,5	3 Julho	» 32°,0	25 Julho	» 30°,7	28 »	» 32°,1
29 »	» 30°,9	4 Agosto	» 31°,1	5 Agosto	» 33°,2	9 Agosto	» 30°,8
10 Agosto	» 30°,1	11 »	» 31°,7	12 »	» 30°,4	13 »	» 31°,4
25 »	» 32°,9	26 »	» 33°,5	27 »	» 30°,8	29 »	» 30°,3
30 »	» 35°,9	31 »	» 32°,7	1 Setembro	» 30°,3	2 Setembro	» 31°,1
14 Setembro	» 30°,1 —						

1899

21 Maio	Max.: 30°,9	25 Junho	Max.: 30°,0	26 Junho	Max.: 31°,3	27 Junho	Max,: 31°,0
14 Julho	» 31°,0	15 Julho	» 32°,0	16 Julho	» 34°,4	17 Julho	» 34°,3
25 »	» 33°,0	26 »	» 35°,9	27 »	» 37°,8	28 »	» 34°,3
29 »	» 31°,5	30 »	» 33°,6	31 »	» 33°,6	1 Agosto	» 35°,5
2 Agosto	» 33°,8	3 Agosto	» 31°,0	17 Agosto	» 32°,1	18 »	» 31°,2
20 »	» 30°,4	21 »	» 30°,6	23 »	» 30°,8	24 »	» 32°,1
25 »	» 30°,9	9 Setembro	» 32°,6	10 Setembro	» 35°,1	11 Setembro	» 33°,1

1900

17 Abril	Max.: 30°,4	29 Maio	Max.: 30°,3	6 Julho	Max.: 33°,5	7 Julho	Max.: 34°,6
8 Julho	» 32°,9	9 Julho	» 30°,8	17 »	» 32°,2	31 »	» 33°,2
10 Agosto	» 30°,9	3 Setembro	» 32°,4				

1901

19 Junho	Max.: 30°,2	20 Junho	Max.: 31°,2	24 Junho	Max.: 30°,0	25 Junho	Max.: 30°,0
5 Julho	» 30°,2	6 Julho	» 31°,5	16 Julho	» 31°,3	17 Julho	» 35°,4
18 »	» 34°,7	19 »	» 35°,9	20 »	» 34°,6	21 »	» 36°,5
31 »	» 30°,6	1 Agosto	» 31°,9	2 Agosto	» 34°,2	3 Agosto	» 31°,2
4 Agosto	» 33°,5	5 »	» 34°,8	6 »	» 35°,8	7 »	» 30°,3
16 »	» 34°,5	17 »	» 30°,4 —				

(Continúa)

Antonio A. O. Machado.

Octavio quiz responder, mas observou no rosto do novo amigo uma tal pallidez, tal anciedade, que só poude inclinar-se em silencio. Lord Weymouth sahiu quasi a cambalear.

— Mais uma chaga mysteriosa, disse comsigo o Conde, seguindo-o com o olhar.

Estirou-se para cima d'um sofá e estendeu os pés para o fogo scintillante, deixando vaguear os olhos pela sala deliciosa, de decoração do mais fino gosto.

— Suppunhamos, dizia, que eu era homem de letras, o que, graças a Deus, não sou, e que tinha de descrever n'um folhetim o meu dia d'hoje; o leitor atirava com a minha prosa pela janella fóra, exclamando: «Isto não aconteceu.» A verdade é que eu navego na maior inverosimilhança... Cá estou, ao cantinho do fogão, em casa d'um amigo... que ainda esta manhã não conhecia, quando devia estar a baloiçar-me na ponta d'uma corda em qualquer arvore do Bosque de Bolonha.

De repente Octavio deu um pulo, levantou-se como movido por uma pulga e correu para um quadro com que seus olhos haviam dado.

Era o retrato d'uma graciosa mulher, de vinte e dois ou vinte e tres annos, nem positivamente bella, nem precisamente bonita, na accepção vulgar das duas palavras; alta, esbelta, toda a sua pessoa tinha o sêllo d'uma extrema elegancia, d'uma nobreza de raça, que a tornariam distincta entre cem mulheres de talvez maior perfeição. Pés, braços, mãos, eram admiravelmente modelados; a physionomia fina e regular respirava um mixto de bondade sonhadora e de tranquilla intelligencia; era sómente pelo arco firme e puramente desenhado dos sobr'olhos negros que podia adivinhar-se que uma vontade inflexivel morava n'aquelle corpinho.

O Conde quedou-se immovel e mudo de surpreza. Reconhecia aquelle rosto dulcissimo, as fartas tranças doiradas, os grandes olhos azues, escuros, avelludados. Pallido, com o coração a bater-lhe, envolveu o quadro n'um olhar de avidez e de supplica Parecia lhe que uma palavra, um gesto poderiam desvanecer a querida visão.

— Onde a vi eu? perguntava elle talvez pela centesima vez. E memorias se erguiam, chocavam-se como um turbilhão de folhas sêccas que o vento levanta.

Apertou com ambas as mãos a testa a escaldar-lhe, e, encostado á parede, d'olhos ardentes, fitos na desconhecida, cahiu n'um profundo scismar, cheio de amor e de angustia.

Então, pouco a pouco, contemplando aquelle sorriso angelico, a fronte limpida, o olhar luminoso, pareceu-lhe que a nevoa da memoria iria emfim rasgar-se.

Fez um derradeiro, supremo esforço, e lembrou-se

Fôra dois annos antes.

O Conde de Soubran, em toda a effervescencia das paixões, habituado a satisfazer todos os caprichos, por mais desenfreados que fossem, encontrára-se com uma actriz n'essa epocha muito afamada.

Era de belleza mediocre e de talento muito contestavel; mas umas aventuras galantes que todo Paris conhecia tinham-a posto em moda.

Quiz Octavio honral-a com uma fantasia passageira. Fosse calculo, fosse qualquer outro motivo, a mulher resistiu-lhe.

Possuil-a parecia coisa tão cheia de obstaculos que a vaidade de Octavio sentiu-se ferida. A actriz era n'esse tempo amante d'um homem riquissimo e tão ciumento que chegava a ser ridiculo.

O Conde achou que seria divertidissimo raptal-a e, como n'elle projectar e executar eram uma e mesma coisa, uma bella manhã partiu para a Italia com a actriz que levava comsigo, meio risonha, meio enfurecida, um pouco por querer, um pouco á força.

Umas duas horas depois da partida, o Othello seguia-lhe na pista. Apanhou o lindo par ao pé de Fontainebleau, provocou o Octavio, deu-lhe uma bella espadeirada, e, deixando-o por morto, concontinuou a viagem em companhia da senhora.

O Conde viu-se durante um mez estirado n'uma cama de hospedaria, entre a vida e a morte e n'um delirio horroroso.

Uma noite acordou com maior socego e poude reconhecer o logar em que se achava. A lamparina dava uma luz indecisa e duas brasas na lareira acabavam de consumir-se. A criada que o tratava ressonava brilhantemente n'uma poltrona.

De repente — seria visão da febre ou realidade? — a porta abriu se silenciosamente, e uma mulher, uma sombra, approximou-se do leito, debruçou-se sobre o Conde e comtemplou-o com expanssão de ternissima piedade; uma mão branca, suave e fresca, arranjou-lhe a almofada sob a cabeça a escaldar e levou lhe um copo á bocca sequiosa.

Octavio quiz falar. A desconhecida levou um dedo aos labios. O Conde calou-se e tornou a adormecer.

No dia seguinte fez perguntas com tamanho ardor, que todos cuidaram, tão incoherentes pareceram, que seria resto de delirio. De mais, ninguem percebeu o que elle queria dizer e pensaram que mais valia não lhe responder.

Emquanto a vida lhe correu perigo, todas as noites viu abrir-se a porta misteriosamente e um vulto celeste andou em volta d'elle, attento a seus menores gestos, correndo a cada suspiro que a dôr lhe fizesse soltar.

Emfim, foi a mocidade quem triumphou ou foi a convicção de Octavio que uma alma cheia de dedicação lhe disputava a sua á morte? Um dia chegou em que o medico declarou responder pela vida do Conde.

Desde esse dia foi em vão que Octavio cada noite se poz á espera; a desconhecida nunca mais voltou.

Uma manhã, sentindo-se melhor e já convalescente, mandou empurrar a cama para junto da janella para gosar dos raios tepidos do sol.

Notou no pateo da hospedaria que estavam pondo uma carruagem de posta. Depois appareceu um criado com uma infinidade de caixas de papelão e de embrulhos que arrumou dentro da carruagem.

O Conde sentiu, sem saber porquê, apertar-se-lhe o coração.

Appareceu, por fim, muito devagarinho, uma mulher elegante e de véo.

Octavio estremeceu.

Antes de subir para a carruagem, a mulher afastou o véo e ergueu os olhos para a janella do quarto do doente. Pairava-lhe nos labios um sorriso triste; era ao mesmo tempo um adeus e uma confissão.

O Conde deu um grito. Reconhecêra o anjo consolador das suas noites tormentosas.

A carruagem partiu a galope.

Octavio deixou-se cahir sem forças. Pareceu-lhe que aquella mulher lhe levava comsigo todo o seu futuro.

....

Dias depois, o Conde de Soubran voltou para Paris, um pouco curado, um pouco melancolico, um pouco apaixonado. Informações que lhe foram dadas pelo pessoal da hospedaria pouco o haviam adeantado. A desconhecida chegára a Fontaineblau quinze dias depois d'elle e lá se demorára não vendo ninguem nem sahindo nunca. O nome que déra devia de ser um nome supposto. D'onde viera? Para onde partira? Ninguem o sabia.

Octavio por algum tempo ainda a procurou, mas em vão. Ja dissemos como n'uma revoada de prazeres a esquecêra por fim, tanto como ao duello, ao ferimento e á actriz, causa primaria do pequenino romance.

Mas agora, perante aquella radiante imagem que lhe sorria d'entre a moldura d'oiro, como d'antes a desconhecida em seu quarto de enfermo, lembranças adormecidas acordaram com a violencia d'uma paixão.

— Quem é? que faz ella aqui? perguntou elle, angustiadissimo. Será irmã, filha ou sobrinha de Lord Weymouth?

Passeava a passos largos, preso de mil agitações, de mil projectos contradictorios, parando a cada minuto, d'olhar chammejante, coração oppresso, considerando a mysteriosa tela.

Pousou-lhe no hombro uma mão, que o fez estremecer.

— Conde, que faz ahi? perguntou-lhe lord Weymouth, que havia pouco entrára.

Octavio procurou recuperar o sangue frio.

— Admirava... este quadro, disse.

— Não é verdade, disse o inglez, que é um rosto cheio de doçura e de encanto? Não é verdade que uns olhos assim foram criados para scintillar na felicidade e não para se apagarem em lagrimas?

— Decerto, respondeu Octavio, olhando para Lord Weymouth, cuja voz tinha um tom sombrio, cujo sorriso era cheio de amargura. Este retrato é decerto d'alguma parenta sua.

O inglez passou a mão pelos olhos.

— É de minha mulher, disse com esforço.

— De sua mulher! pensou o Conde.

E fez-se muito pallido.

(Continúa).

METEOROLOGIA

Março de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
11	762,0	13,6–10,6	Encoberto	W	0,0
12	763,3	14,2–10,0	Nublado	NNW	0,2
13	764,5	16,1–10,0	Alg. nuvens	N	3,7
14	767,6	17,8–10,1	»	»	0,0
15	769,1	17,9–10,3	»	»	0,0
16	769,0	20,8–10,8	»	NNE	0,0
17	767,5	21,5–12,5	»	»	0,0
18	764,6	20,4–12,0	»	Calma	0,0
19	763,4	14,5–10,6	Nublado	NW	0,4
20	761,5	14,0– 9,2	»	SE	10,0

CHRONICA METEOROLOGICA

A temperatura que começou elevando-se nos ultimos dois dias da primeira dezena de março, continuou subindo rapidamente, durante o periodo de 11 a 20.

Em 15, as maximas em Portugal, foram: de 21°,5, em Regoa, 21° em Lagos, e 20° em Vendas Novas e Evora. Em 16, registou-se 23° em Campo Maior, 22° em Vendas Novas e Lagos, 21° em Evora e Beja, 21°,7 em Coimbra, 20°,8 em Lisboa e 20° em Faro. Em 17, notavam as seguintes maximas: 24° no Porto e Campo Maior, 23° em Vendas Novas e Evora, 22°,4 em Coimbra, 22° em Beja, 21°,5 em Lisboa e Regoa. Em 18, as maximas foram de: 23° em Campo Maior e Lagos, 22°,5 em Regoa, 22° em Vendas Novas, 21° em Evora e Beja e 20°,4 em Lisboa.

Grande abaixamento de temperatura e chuvas de trovoada em 19 e 20.

NECROLOGIA

O ALMIRANTE CUSTODIO JOSÉ DE MELLO

Um telegramma do Rio de Janeiro transmitiu a noticia da morte do almirante Custodio José de Mello, no dia 15 do corrente.

Custodio de Mello ara uma das figuras mais salientes da Republica Brazileira, que maior celebridade alcançou, muito especialmente pela revolta de 6 de setembro de 1893, de que foi o iniciador, revoltando-se contra o governo do presidente Floriano Peixoto.

São d'elle as seguintes palavras, no manifesto que dirigiu ao paiz, por essa occasião:

«Official da marinha brazileira, e cidadão de uma patria livre, ainda uma vez vou achar-me no campo de acção revolucionaria para dar combate aos demolidores da Constituição e restaurar o regimen da lei, da ordem e da paz.

Nenhuma suggestão de poder, nenhuma aspiração de exercer mandatos por esforço violento da propria individualidade, me levam á revolução.»

Essa revolução durou uns seis mezes e Custodio de Mello, com uma boa parte dos seus companheiros, não menos de seiscentos, teve de se refugiar nos navios de guerra portuguezes que estavam no porto do Rio de Janeiro, sob o commando do capitão de mar e guerra sr. Augusto de Castilho, que lhes deu guarida e livrou da morte certa que esperava os revoltosos, muito especialmente os chefes, de que o principal era Custodio José de Mello.

Mas tudo acaba com a morte. Floriano Peixoto morreu dois annos depois d'aquelles acontecimentos e Custodio José de Mello acabou agora seus dias, morrendo com pouco mais de sessenta annos.

O valente official da armada brazileira era de origem portugueza. Exerceu varias commissões diplomaticas do governo brazileiro na Europa. Foi deputado pela Bahia, no primeiro governo da republica, e ministro da marinha e do exterior no primeiro ministerio do governo do presidente Floriano Peixoto, tendo sido um dos que mais concorreu para a deposição do marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da republica brazileira.

PUBLICAÇÕES

Bibliotheca Amena.—*N.º 3 = Peccadora Immaculada, por Lano & Gallus = Traducção de Annibal Passos = Editor o Centro de Publicações de Arnaldo Soares — P. de D. Pedro, 137. Porto, 1902.*

Como se sabe o sr. Arnaldo José Soares iniciou ha tempo a publicação de uma serie de romances a que deu o titulo geral de *Bibliotheca Amena*, tendo já nós noticiado com o merecido louvor a sua iniciativa e o apparecimento dos volumes *Amor d'Outono*, por André Theuriet e *Ruth*, de Fernando Lafargue, inquestionavelmente dois lindos romances, que pelo seu valor intrinseco e primor da traducção alcançaram justo apreço.

Temos hoje ensejo de noticiar a publicação do terceiro romance da apreciada collecção, intitulado *Peccadora Immaculada*, original dos notaveis escriptores francezes Lano & Gallus e vertido como os anteriores em boa linguagem pelo distincto jornalista portuense sr. Annibal Passos.

Com o seu titulo apparentemente paradoxal, e que no romance se explica commovedoramente, o presente volume revela da parte do illustrado editor o mesmo criterio que presidiu á escolha dos outros, tendo um enredo interessante, uma fórma agradavel e offerecendo uma lição de moral, que, falando ao espirito e ao coração, não fere susceptibilidades.

Um volume da nova bibliotheca, com mais de trezentas paginas, impresso em letra grande e nitidamente, custa apenas 200 réis.

Atravez a cidade de Evora *ou apontamentos sobre a cidade de Evora e seus monumentos — por Caetano da Camara Manoel = Minerva Commercial = Evora — 1900.*

N'este seu trabalho compilou o auctor com particular cuidado um grande numero de interessantes notas historicas ácerca da cidade de Evora, corroboradas com muitas citações eruditas.

Pelas suas tradicções e pelos seus monumentos a cidade de Evora despertou sempre o apreço dos historiadores, dos archeologos e dos estudiosos.

ALMIRANTE CUSTODIO JOSÉ DE MELLO

FALLECIDO EM 15 DO CORRENTE

Pelas suas minuciosas referencias a obras de maior tomo presta um bello serviço o presente livrinho, que se encontra graciosamente illustrado com as vistas das principaes obras d'arte que opulentam a antiga cidade.

Atravez da cidade de Evora é, pois, um indice e um resumo, lucidamente elaborado, prestando tanto ao erudito como ao farasteiro um seguro guia e valioso auxilio no estudo da

«...nobre cidade; certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente.»

Commemoração do XXV anno do «OCCIDENTE»

Agradecimento

Tem sido tão penhorantes as palavras com que a imprensa periodica do paiz e do estrangeiro acolheu o numero commemorativo do XXV anno do OCCIDENTE que muito desejariamos transcrevel-as n'esta revista como prova de alto apreço. Teriam, porém que occupar muitas paginas de que o tamanho d'esta revista não permitte dispor, sem prejuizo dos assumptos a que tem por dever dedicar-se.

Na impossibilidade, pois, de transcrever aqui as benevolas apreciações e louvores com que tão gentilmente nos brindaram, e que para nós são grata compensação de tantos annos de trabalho, occorre-nos o dever de a todos os nossos estimaveis collegas agradecermos as constantes provas de estima e boa camaradagem que sempre tem dispensado ao OCCIDENTE e muito em especial por occasião do seu XXV anniversario.

A Empreza.